

Os Caminhos da Prostituição

Manoel de Oliveira

O QUE FOI A BOÉMIA E O BOÉMIO DO TEMPO DA minha juventude?

Poderíamos dizer que fora um tipo de aventura que julgo ter desabrochado pelos fins do século XVII e que tombara num certo romantismo em Portugal, justamente até ao decorrer da Segunda Grande Guerra, depois do que começou a esvanecer-se. De então para cá, o boémio, típica figura romântica que caracterizava a boémia, foi desaparecendo e, com ele, esse género de vida nocturna.

Nasci em 1908, durante a Monarquia e dois anos antes da implantação da República entre nós, 1910. De criança a jovem, assisti às diferentes mudanças de governos republicanos, precedidas de revoluções, que levavam as famílias mais pacatas, como era a minha, por prevenção, a resguardar-se em casa nesses períodos de acção agitada e a fechar as portadas interiores das janelas, com receio das balas perdidas.

Assim cresci na minha inconsciência de menino, e aí pelos meus seis anos de idade começava a olhar como espectador e a compreender aos poucos o que se passava ao lado.

Essa experiência lateral da minha infância não deixou de me marcar muito e para sempre me ficou entranhada esta visão de intranquilidade, de incerteza e de instabilidade das cousas daquele mundo que me rodeava então, e, afinal, do que me cerca hoje.

A contrariar as mudanças do poder que passava de partido em partido republicano, surgiu um inesperado golpe monárquico que, aliás, não durou mais de quinze dias, circunscritos ao Norte. Por esse período, a cidade do Porto, onde se desencadeou a acção, manteve-se em estado de sítio durante a luta contra a acção republicana, que atacava do Sul e acabaria por restaurar a República, depois de grande tiroteio e muitas mortes de ambos os lados.

Estas lutas tiveram lugar antes e depois do exército português ter lutado em França, na



guerra de 1914, ao lado dos aliados, cujas tropas foram desmobilizadas em 1918.

Veio dar fim ao desconcerto entre os partidos republicanos o movimento militar de 1926, ainda de cariz republicano, de que resultou o Estado Novo, o qual, por pressão salazarista, viria a tornar-se numa ditadura, que se prolongou até à célebre revolução dos Capitães em 25 de Abril de 1974 e da descolonização.

Como vemos, *esta jovem criatura* cresceu sob um signo de variadas contingências, e durante esse período que foi o de criança a adolescente, estudou no liceu, passou a seguir para o Colégio Universal como semi-interno, depois interno já noutro colégio de que, por ser de Jesuítas, fora expulso na República, e instalara-se na margem direita do rio Minho, portanto na Galiza, junto ao caminho para La Guardia, cir-

cunstância que o tornou conhecido pelo *Colégio de la passage*. Para ali fui em 1919 com o meu irmão Casimiro, e lá estivemos três ou quatro anos. Regressámos a casa, onde continuámos os estudos com professores particulares. Como nos faltasse vocação, abandonámos os estudos e passámos a trabalhar nos escritórios de meu pai.

A puberdade, por mim falo, é a passagem mais delicada à formação e educação de um indivíduo. Com efeito, as fortes solicitações do corpo, acompanhadas por não menos forte exaltação imaginativa e o despertar de uma insaciável curiosidade, que se faz ânsia de conhecer a vida em tudo o que nos era ainda escondido, impelia-nos a uma prática, que se acentuava e em cujas profundezas era fácil cair em muitos dos variados riscos.

Como alguns outros jovens, depressa enveredei pela boémia e cedo se me infiltrou o gosto pela vida nocturna, cousa que, ao mesmo tempo, não deixava de ser uma escola, mas uma escola com muitos alçapões.

Não obstante, era uma experiência que se abria a muitos conhecimentos da vida, antes ignorados na minha natural inocência, e abria campo a uma certa rebeldia à lei, isto é, às regras sociais (hoje praticamente inexistentes), que eram impostas e aceites pela sociedade daquela época. Rebeldia no fundo tolerada, enquanto praticada nos lugares próprios, mas não aceite como cousa pública, pois, como tal, sempre redundaria em escândalo.

A boémia foi (e digo foi, porque hoje boémia tal como era antes não existe, as noitadas são outras, como as discotecas, e também outros os divertimentos, os quais perderam todo o romantismo que caracterizava o verdadeiro espírito da boémia), era então, como um desregulamento latente na sociedade por razões de ordem tácita e táctica. E, por isso, a um qualquer rapaz que atravessava esse momento de percalço, dizia-se que estava na idade de *correr o seu fado* (lapso de

tempo concedido aos rapazes como necessário para se libertarem das cargas libidinais próprias da idade e, na prática, conhecerem o que era interdito fazer em sociedade. Também uma maneira de evitar devaneios tardios, na crença de que tendo vivido o *seu fado* em tempo próprio, depois de casados dariam chefes de família mais ponderados). É que então não era como agora. Nesse tempo uma jovem de família não era aceite em casamento porque os rapazes não as queriam para esposas se não estivessem virgens. Eram as prostitutas que, como *bons anjos da guarda*, salvavam a honra do *convento* às meninas de exemplar comportamento. E, tanto na alta como na média, era assim que burguesia e povo pensavam. Senão até com maior severidade no povo e na média burguesia, apesar das tentações que os galãs mais irresponsáveis da alta exerciam sobre as ingénuas de classe mais baixa. Assim me parecia ser e assim era, ainda que com excepções, que são o panegírico próprio de qualquer regra geral.

Voltando à boémia, ou melhor, ao boémio que, por vezes e por misteriosas razões, tombava amoroso por uma dessas mulheres de quem se dizia as *paixões com prostitutas se geravam na cama*, o que não deixas de estar certo, mas haveria outra razão, por ventura mais forte, a do coração que, como diz o poeta, «entre tantas só uma deseja, escolhe e quer». E este pequeno detalhe supera todas as outras sensações, desde o gozo da cama a outros prazeres, que na vida prostituída chegam a ser um vício, tais como o são também a vida nocturna, o jogo nos Casinos, ou as bacanais nos clubes nocturnos, vícios propícios a contínuas orgias com essas malfadadas mulheres, a quem chamavam *putas*, termo assaz justo mas, por parecer demasiado pejorativo e se tornar agressivo como um insulto, mudam, por vezes, para *pegas*. O curioso é que hoje, por estranhas razões que desconheço, e prefiro não conhecer, levaram a sociedade a desvirtuar o

nome dado à puta, e transferir para os meninos, agora apelidados de *putos*, apesar de serem filhos de famílias bem e os próprios pais não hesitam em assim os nomear sem qualquer pudor.

Putos são, pois, os meninos inocentes, enquanto as putas são mulheres pervertidas a uma vida fácil, por força do seu ganha-pão, profissão que consiste em vender ou alugar o uso do seu corpo à *honrada* clientela. Os putos são um produto natural da manutenção da espécie humana na evolução da natureza (cujo apelido de *putos* resultou dum conceito consensual deliberado pela sociedade) que fará deles os homens de amanhã. E elas, as putas, as autênticas, essas, consciente ou inconscientemente levadas à desgraça de o serem, atiradas, eu sei lá!, para um destino onde perdida a juventude... que lhes resta?



Manoel de Oliveira em fotografia de promoção de «A Canção de Lisboa». Colecção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

Porém, acontece haver, na sua mal-vista profissão, alguns casos de tal forma dignos que as prestigiam do insulto que lhe fazem, chamando-lhes pelo que são, como é evidente na célebre história de Marguerite Gautier da Dama das Camélias do romance homónimo de Alexandre Dumas Filho.

Lembro-me desse caso e um do meu tempo, mais simples, mas expressivo como reacção aos preconceitos que dominavam na altura. Não conhecia pessoalmente o casal, ele fidalgo que o era por educação e pelo seu porte de *Brummel*, ela uma mulher da vida, pequena e bonita, tornada uma dama respeitosa. Viviam, não casados, mas maritalmente apaixonados, ela por ele e ele por ela, do que resultou essa união. Viviam dos rendimentos que ele usufruía (como era comum ao tempo a muitas famílias e a bastantes pessoas, entre jovens e idosos. Foi assim durante muito tempo, em grande parte da sociedade do Porto. Este confortável viver deixou praticamente de existir depois da Segunda Guerra Mundial, pois a desvalorização da moeda teve efeitos devastadores que fizeram insignificantes as rendas). Frequentavam todos os lugares, eram vistos com frequência em muitos dos cinemas e dos teatros. Ela sempre uma senhora. Só não conviviam na sociedade a que ele pertencia, porque o código social os impossibilitava, mas eram respeitados. Porém, havia uma particularidade muito exterior: ele era um homem bem parecido, elegante, magro, muito alto; ela, pelo contrário, era pequena, bem feita de corpo, e bonita de cara. Andavam sempre juntos e as diferenças acentuadas de altura, compunham uma assimetria muito especial e agradável de se ver naquele par. Ou este outro caso particular, também simples e passado um pouco mais tarde, com um jovem da sociedade e uma prostituta, ambos apaixonados. Porém, sob o óbice da impossibilidade de uma união, dadas as circunstâncias, ambos inconformados mas ele

incapaz de ultrapassar a situação como no caso anterior, levou-a a uma separação radical e, de comum acordo, para a eficácia de um corte, foi para a ilha da Madeira, separação a que a distância era ou dava maior garantia. Soube-se, mais tarde, que ela teria encontrado na ilha, entre outros amantes, um que a fizera aprender a andar a cavalo. Eis que num passeio em que iam juntos o cavalo parece ter tropeçado, ou ela o teria provocado, como alguns suspeitavam. Mas, o certo como certo era duvidoso, do que não restava dúvida é que a queda fora mortal. A morte colheu-a antes de perder em vida os encantos da juventude, tão importantes para a vida de qualquer prostituta, onde os espectros da decadência e da velhice são aterradores.

De um modo geral, as prostitutas não têm verdadeira noção ou não se dão a tais pensamentos, ou fingem ignorá-los. Preferem olhar o presente e não pensar no futuro onde já lhes não sorria a juventude. E aos jovens boémios também não. Até porque também lhes não ocorre a ideia de envelhecer. Embora, com o tempo, se pudesse dizer que um boémio inveterado não tem idade, pois que goza a boémia sem dela querer saber, e de facto o se não dar conta desse percalço retarda a senilidade, de que só se dão conta ao entrar nela, ou cair na miséria. Não sei que anjo os protegia mas desgraçados seriam aqueles a quem tal anjo abandonasse.

Estranhava as prostitutas, porque a impressão que nos ficava de início era a de que elas amavam o gozo e amavam aquela vida fácil e divertida. Ora, engano meu. O que quase todas ambicionavam era amancebar-se com um homem de quem gostassem ou que as pudesse tirar dali para fora e lhes desse uma vida de segurança, bem-estar e futuro. Ao fim de pouco tempo achavam aquela vida monótona e imprópria da sua condição de mulheres. Cada uma delas sentia necessidade dum afecto e iludiam essa falha ou falta pagando a um chulo como se

ele verdadeiramente as desejasse e amasse. Mas para o chulo se manter tinha que viver à custa do trabalho da amante, e eles pareciam mais interessados no dinheiro do que nelas, as pobres, que o ganhavam para lhes dar. Mas o chulo brevemente confundia afecto e dinheiro. Tanto assim, que quando pressentisse que um freguês agradava à amante, já sem saber bem se por ciúme se por defesa de interesses, castigava a pobre vítima com uma boa sova. O interessante é que elas gostavam que o chulo lhes batesse, porque lhes parecia que o faziam por ciúme, o que lhes deixava a impressão de gostarem delas e isso fazia prova do amor de que tanto careciam. Estranhos meandros esconde a vida.

A palavra *boémia* hoje já não faz sentido, de tal modo se modificaram as mentalidades e o modo de vida. Hoje, as relações sexuais começam nos liceus, senão mesmo antes. E os rapazes não têm necessidade de recorrerem às prostitutas, que servem agora um outro tipo de clientela. E praticam a sua profissão, quantas vezes, hoje, arrastadas, violadas e sequestradas. De qualquer modo já não fazem a profissão da mesma maneira, ou pouco resta do que se fazia antigamente. O mundo deu uma grande volta neste fim de século e as orgias, que antes na boémia levavam à perdição, hoje é a droga que o faz e com maior extensão, violência e eficácia. Antes, a essência das orgias estava na atracção abissal do sexo feminino, centro fácil para satisfazer as sevícias dos homens e acomodar as necessidades das prostitutas. Corria então esta máxima entre eles – dinheiro, mulheres e vinho – o que fazia da boémia um vício que, afinal, o era, daí que sobrevinha a perdição. Ou a salvação, como no caso da personagem Sónia do romance «Crime e Castigo» de Dostoievski.

Não foi tempo das drogas que hoje vemos espalharem-se por todo o lado. Raríssimas foram as prostitutas desses tempos idílicos que usaram qualquer droga, todavia, as que ousa-

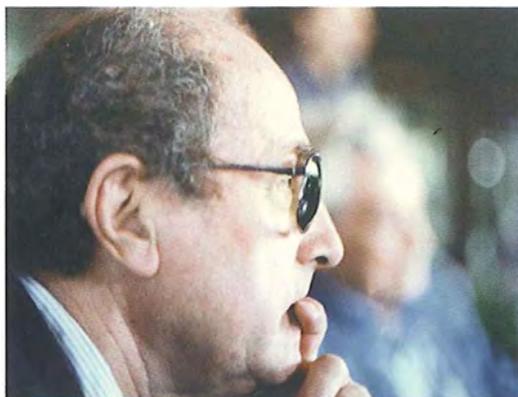
ram, fizeram-no com conta e medida, e não os estupefacientes que hoje se usam sem conta nem medida, era a cocaína e o ópio, mas muito às escondidas e de tal modo que quase ninguém o sabia.

Para além dos casos referidos e do dessa personagem extraordinária que é Sónia, ocorre-me mais um, também relacionado com actos relevantes de mulheres que tombaram na prostituição obrigadas por condições adversas, como no do romance «Crime e Castigo» de Dostoievski. Este outro é um caso de contexto menos dramático, pelo menos na sua conjuntura. Passo a contar.

Havia certo boémio, homem de meia idade, que encontrava com frequência nos clubes nocturnos. Não nos conhecíamos pessoalmente, mas sabíamos um do outro pela frequência com que nos víamos nos clubes e pelo que contava quem nos conhecia. Por isso eu sabia que era casado e que o facto de ele ser casado e ter uma filha não o impediam de frequentar os clubes nocturnos onde, em companhia de uma ou mais prostitutas, habitualmente ceava, antes de delas se servir. A boémia era nele um vício arreigado. Tinha posses e pavoneava-se num luxuoso Packard. Mantendo esta vida desregrada, acabou por se arruinar rapidamente.

Ele não desprezava a sua família, e esta, por fraqueza ou por qualquer outra razão, pois só Deus o sabe, tolerava as folias daquele homem, suportava-as como um destino inexorável. Destino esse que o mergulhou, a ele, à mulher e à jovem filha, na plena miséria. Soube-o. Como?

Inesperadamente, pois não havia nenhuma espécie de relações entre nós, já que eu não frequentava os Clubes nocturnos e há muito tempo que nem o via nem ouvia falar dele. Recebo uma carta do senhor, onde me pedia para o visitar no endereço que me indicava, uma certa rua penso que na Rua da Alegria, perto da Praça dos Poveiros, mais ou menos por aí.



Ignorando o motivo conforme o seu pedido, acabei por visitá-lo certa manhã, já passava das onze e meia. Bato à porta que pouco tempo depois se abria pela mão de uma jovem muito bonita e elegante, ainda em camisa de noite, tapada com robe de quarto, mas completamente à vontade, nem pudica, nem impudica. Eu nunca a tinha visto, mas ela parecia saber quem era e ao que vinha, pois disse-me logo para entrar antes mesmo de me perguntar ao que vinha e quem procurava. Olhou-me um instante, como que a avaliar a qualidade do macho, e levou-me pelo interior dum estreito corredor, com uma porta aberta ali logo à esquerda que ela me indicou para eu entrar. Assim fiz. Entrei para um quarto amplo, mobilado com duas camas, um guarda-vestidos e um armário-toilette com um espelho, uma pequena mesa e algumas cadeiras, tudo do mesmo estilo, tido como francês e muito comum nas casas daquela época.

Duas ou três janelas, que davam para a rua, tinham as portadas meio fechadas por forma a deixar o ambiente numa meia penumbra.

Ela acompanhou-me até à cama onde os pais estavam ainda deitados. O pai meio erguido, encostado ao espaldar da cabeceira da cama, sorridente e descontraído. Fizemos um discreto cumprimento de cabeça, agradeceu a

visita e apresentou a rapariga. Ela sorriu vagamente e retirou-se para se sentar na beira da outra cama, mais afastada e com um ar indiferente. A mãe, deitada à esquerda dele, olhou a retirada da filha e logo me lançou um sorriso meloso. Com o seu sorrir completamente descontraído ficou a olhar para mim como se a situação fosse a mais natural do mundo. Ao mesmo tempo e sem qualquer pudor, esperava da minha parte uma rápida compreensão da situação em que eles se encontravam, na esperança de evitar esse passo difícil de me pedir uma ajuda se possível substancial.

Face àquele espectáculo não era difícil perceber a situação de miséria em que se encontravam e que quem lhes valia era a filha jovem e muito atraente. Não me enganava, ali estava ela submissa e pronta a servir. Isto é, a que se servissem dela. O espectáculo era naturalmente deprimente, os pais viviam à custa da filha, atirada para a prostituição, sacrifício certamente insuficiente para sustentar os três infelizes, tanto mais que para atrair os clientes ela teria que se apresentar sedutora, com vestidos que acentuassem as formas do corpo e a tornassem atraente, contudo sob uma aparência serena e indiferente.

Não estava certo se nela, na filha, se teria já instalado o vício da perversidade, produto do gozo de tal profissão, ou estava apenas submetida ao sacrifício que as circunstâncias lhe impunham. Mas era claro que sobreviviam à custa da filha, arrastada à prostituição para sustentar os pais, com quem sempre vivera, e agora vítima da miséria que os cobria, aos três, num quarto de rés-do-chão, alugado, e mobilado com restos de penhora, que talvez por caridade lhes tivessem deixado os credores. Estava tão impressionado que me senti incapaz de levar mais longe a minha curiosidade e não fiz nenhuma pergunta. Tudo estava diante dos meus olhos fácil de compreender. Os pais, ainda que sorridentes, em



particular a mãe, como que inconsciente, conformados, ou melhor, com total descaramento, deixavam-me a sensação de estar frente a um quadro mais insólito que deprimente.

Os olhares, sem nenhuma espécie de humilhação ou de revolta, imploravam uma ajuda imediata de dinheiro. Os três colocavam-me diante de um espectáculo desmoralizante, de modo a tudo deixar subentender, ignobilmente, que podia servir-me do corpo da filha, enquanto esta se erguia da cama onde se tinha sentado. Mas desenlaçava já o cinto da *robe-de-chambre*, que semi-aberto deixava perceber através da fina camisa, quase transparente, as formas perturbantes do seu corpo.

Confusamente, apressei-me a deixar o meu contributo monetário e, sem me submeter a qualquer sentimento de compaixão, tirei da carteira algumas notas, que deixei sobre a mesa do

centro. E saí profundamente chocado, mas adivinhando na filha, que em nenhum momento me deixara de olhar, um certo rancor de prostituta humilhada no seu orgulho de mulher.

Já na rua, não pude deixar de imaginar que ela era bela, e eu a deixara ferida por me não ter submetido aos seus encantos femininos. E vim a pensar mesmo, com certa baixeza da minha parte, sem dúvida, que talvez o mesmo teria passado, após a minha retirada estratégica, pela cabeça dos pais. Passando de uma ideia a outra, veio-me à ideia que se a cousa é, com efeito, consumada, isso poderia ser um princípio para que eu ficasse preso aos encantos da jovem e assim ficar como socorro, em permanência, à infeliz situação deles. Tudo seria possível, e isto me leva a fazer esta reflexão realista: «por tais meandros enganosos se tece a vida!»